

Sofrimento, percepção acadêmica e fatores associados entre estudantes de graduação durante a pandemia de covid-19

Emanuela Pap da Silva¹; Israel Rienzo²; Lucas Yuki Okuno³; Brunna Quatrochi⁴; Jorge Luis Bazán Guzmán⁵; Jhenifer Cristine Sanches dos Santos⁶; Beatriz de Souza Batista⁷; Laura Chiaramonti Wolff⁸; Taís Bleicher⁹

¹Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0000-0003-3180-467X> emanuela@sc.usp.br, ²Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0000-0003-4432-3226> irienzo@estudante.ufscar.br, ³Universidade de São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0009-0005-0611-0117> lucas.okuno@usp.br, ⁴Universidade de São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0009-0004-4049-265X> brunnaquatrochi@usp.br, ⁵Universidade de São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0000-0003-3918-8795> jlbazan@icmc.usp.br, ⁶Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0009-0003-6372-4225> jhee.sanches@gmail.com, ⁷Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0009-0004-1619-0598> beatrizbatista.psi@gmail.com, ⁸Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0009-0003-5715-617X> laurawolffpsi@gmail.com, ⁹Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil <https://orcid.org/0000-0002-0056-3749> tbleicher@ufscar.br

Citar como: Silva, E.P. da, Rienzo, I., Okuno, L. Y., Quatrochi, B., Bazán, J. L., Sanches, J. C., Batista, B., Wolff, L. C. & Bleicher, T. (2025). Sofrimento, percepção acadêmica e fatores associados entre estudantes de graduação durante a pandemia de covid-19. *Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria*, 19(1), e1980. <https://doi.org/10.19083/ridu.2025.1980>

Recibido: 10/09/2024. **Revisado:** 16/04/2025. **Publicado:** 30/04/2025.

Resumo

Introdução: A alta prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) em universitários(as), especialmente durante a pandemia de Covid-19, indica a relevância de estudos que abordam a saúde mental desse grupo. **Objetivo:** Este trabalho apresenta o mapeamento institucional realizado pelos serviços de apoio estudantil e psicológico de uma universidade brasileira em São Carlos/SP, visando identificar a saúde mental de seus discentes. **Método:** Foi utilizado um questionário autoaplicável, composto por inventário sociodemográfico e escalas de percepção acadêmica para coletar dados de setembro a outubro de 2021 em todo o campus. **Resultados:** Dos 5.121 estudantes de graduação naquele momento, 340 responderam o questionário, e 73,24% apresentaram rastreio positivo para TMC. A maior prevalência foi em ingressantes de 2018 ou anos anteriores (81%), possivelmente, em decorrência da transição para o Ensino a Distância (EaD) durante a pandemia. Além disso, a prevalência de TMC aumenta conforme a idade, sugerindo um impacto da entrada na universidade durante a pandemia. **Discussão:** Faz-se mister a criação de espaços de expressão emocional, o desenvolvimento de recursos individuais e coletivos, o preparo da comunidade acadêmica para identificar vulnerabilidades e suas intervenções, e a abordagem institucional dos determinantes de sofrimento psíquico a partir do levantamento periódico de dados cientificamente fundamentados. **Palavras-chaves:** Universidade, estudantes, saúde do estudante, saúde mental, pandemia do covid-19.

Psychological suffering, academic perception and associated factors among undergraduate students during the COVID-19 pandemic

Abstract

Introduction: The high prevalence of Common Mental Disorders (CMD) among university students, especially during the Covid-19 pandemic, indicates the relevance of studies addressing mental health of this group. **Objective:** This study

***Correspondencia:**
Emanuela Pap da Silva
emanuela@sc.usp.br



presents the institutional mapping carried out by the student support and psychological services of a Brazilian university in São Carlos/SP, aiming to identify the mental health of its students. Method: A self-administered questionnaire was used, consisting of a sociodemographic inventory and scales of academic perception to collect data from September to October 2021 campus-wide. Results: Out of 5.121 undergraduate students at that time, 340 responded to the questionnaire, and 73,24% screened positive for CMD. The highest prevalence was among students who entered in 2018 or earlier (81%), possibly due to the transition to Distance Learning (DL) during the pandemic. Additionally, the prevalence of CMD increases with age, suggesting an impact of entering university during the pandemic. Discussion: Among possible actions, it is essential to create spaces for emotional expression, develop individual and collective resources, prepare the academic community to identify vulnerabilities and their interventions, and approach institutional determinants of psychological distress through periodic scientifically based data collection.

Keywords: University, student; student health; mental health; covid-19 pandemic.

Introdução

A universidade é um espaço social que possibilita o desenvolvimento tanto profissional quanto pessoal, a partir da diversidade de experiências acadêmicas que compõem este ambiente. Associado a isto, o período de transição para o ingresso no Ensino Superior é caracterizado por um período de intensas mudanças e desafios, sejam pessoais, cognitivas, afetivas ou sociais. Estas mudanças podem abranger aspectos de adaptação e inexperience em relação ao funcionamento do ambiente acadêmico e podem caracterizar-se por um afastamento de amigos e familiares, o aumento da autonomia e responsabilidade, a construção de novos vínculos afetivos, a mudança na metodologia de ensino e o aprendizado acerca do próprio processo de construção de saberes. Todos estes fatores exigem destes discentes um confronto com múltiplas e complexas tarefas. Os Transtornos Mentais Comuns (TMC) são frequentes e se manifestam de diversas formas: insônia e irritabilidade, dificuldade de concentração, esquecimento, fadiga, ansiedade, depressão, queixas somáticas (Rodrigues, 2022). Ressalta-se que os desafios enfrentados por estes discentes estão presentes ao longo de todo o período de seus estudos e variam conforme avançam no curso.

Devido à natureza de sua profissão quanto ao cuidado em relação a outra pessoa e ao sofrimento ou adoecimento que ela esteja

vivenciando, discentes da área da Saúde estão expostos a altos níveis de estresse, alterações psicológicas ou fisiológicas (Gudim, 2022). Entretanto, independente da área de estudo que se está inserido (Ciências Humanas, Biológicas, Exatas ou Saúde), podem se configurar fatores de vulnerabilidade ou protetivos para a saúde dos sujeitos inseridos neste contexto.

A alta prevalência de transtornos mentais decorre de diversos fatores, sejam eles a carga horária extenuante, o estresse crônico e as cobranças pessoais e externas, e, até mesmo, a hostilidade entre pares ou outros sujeitos pertencentes à universidade, como, por exemplo, a relação discente-docente (Teixeira, 2021).

O Brasil está entre os primeiros países em ranking internacional de transtorno de ansiedade e depressão, sendo a universidade um ambiente produtor de altos níveis de estresse e desgaste. Além disso, identifica-se a escassez de serviços de Atenção Psicossocial nas universidades, que obriga os discentes a procurar serviços de saúde fora da universidade. Não há uma rede de atenção à saúde integrada entre os serviços de saúde do município e a universidade (Gaiotto et al., 2021). Nesse sentido, um sinal de alerta que deve ser investigado é o aumento dos casos de ideação e tentativas de suicídio entre a população de faixa etária coincidente com o período universitário (Sunde, 2022). O sofrimento psíquico, neste contexto, pode se relacionar com as diferentes formas de discriminação sofridas pelos sujeitos, seja a discriminação contra a população negra,

pessoas de orientações sexuais não heterossexuais – lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e outras (LGBTI+) ou mesmo cotistas que acessam a universidade. Dessa forma, faz-se mister considerar as especificidades da população atendida para que possa ser oferecido um cuidado com abordagem que as considere.

Em nosso país, a prevalência de TMC em universitários é maior do que o identificado na população em geral e entre adolescentes ([Graner & Cerqueira, 2019](#)). Pesquisas nacionais acerca do sofrimento psíquico em discentes de graduação das universidades brasileiras apresentam uma alta prevalência de TMC nesta população (variando de 18,5% a 79,5% de casos positivos), evidenciando, inclusive, um agravamento durante o período pandêmico. Ademais, a partir do levantamento bibliográfico realizado na literatura científica nacional, podemos observar que a grande maioria dos estudos com discentes de graduação das universidades brasileiras foram realizados com discentes da área da Saúde. Estudos científicos com discentes de graduação de outras ciências que não a Ciências da Saúde ainda são escassos, sendo encontrado dois estudos envolvendo o campo das Ciências Exatas.

No estudo de [Rodrigues et al. \(2022\)](#) com discentes das áreas da Saúde e Exatas, a prevalência de TMC na população estudada foi de 66,1%, com preditores significativos para ser do sexo feminino e estar em algum curso da área de Exatas. Já o estudo de [Silva \(2021\)](#), com discentes de um Instituto da área de Exatas de uma universidade pública, encontrou rastreio positivo para TMC nesta população de 72,9% na graduação, associado a ser mulher cisgênera, com dificuldades de permanência na universidade e estar em acompanhamento com profissional de Saúde - e de 72,1% na pós-graduação - associado a renda familiar per capita e dificuldade de permanência na universidade. A prevalência de TMC identificada no estudo de [Gudim et al. \(2022\)](#), com discentes de graduação do curso de Enfermagem, foi de 68,5% e, além de estar associada ao sexo feminino, traz a associação com a raça autodeclarada indígena, histórico de trancamento, reprovação em disciplina ou situação irregular no curso e sentimento de incapacidade quanto ao futuro devido ao contexto de pandemia. No estudo de [Lima et al. \(2022\)](#), com

graduandos da Enfermagem, a prevalência de TMC observada foi de 79,5%, sendo os principais sintomas o cansaço constante (77,3%) e o desgaste físico (76,8%). A prevalência de TMC observada no estudo de Grether et al. (2019) com discentes de graduação da Medicina foi de 50,9%, com associação para uma carga horária média diária de aulas/atividades extracurriculares maior que 8 horas, menos de uma hora diária de lazer, percepção de ausência de apoio emocional, histórico de quadro psicopatológico, nunca ter feito psicoterapia ou tê-la abandonado antes de receber alta, uso de substâncias (álcool, entre outras), e uso de antidepressivo. A prevalência de TMC no estudo de [Teixeira et al. \(2019\)](#), com discentes de Medicina durante a pandemia, foi de 62,8%, sendo fatores de vulnerabilidade ser do sexo feminino, estar nos primeiros anos do curso, má adaptação ao ensino à distância (EaD), dificuldade de concentração, atraso na graduação, diagnóstico prévio de transtorno mental, ser incapaz de manter hábitos saudáveis, morar com alguém que trabalha fora de casa e medo de se contaminar com o vírus da covid-19. A prevalência de TMC em discentes de Medicina também apresenta um número expressivo de transtorno de ansiedade generalizada (39,53%), depressão atual ou recorrente (32,56%) - com correlação com histórico familiar de transtorno psiquiátrico - e risco de suicídio (28,68%) - correlacionado a acadêmicos do ciclo básico, ter sofrido bullying, ter religião e depressão ou transtorno de pânico ([Motta et al., 2019](#)). Em outro estudo, com discentes da área da Saúde, observou que 53,9% da população investigada apresentou sofrimento psíquico, evidenciando níveis moderados de estresse e ansiedade presente em 43,4% ([Jardim et al., 2020](#)).

São diversos os fatores que se associam com o sofrimento psíquico entre estudantes universitários. Tais fatores são sociodemográficos, de saúde, relacionais e acadêmicos. Alguns dos fatores de vulnerabilidade apontados na literatura foram: ser do sexo feminino; sofrer discriminação; ter dificuldade para fazer amigos; não ter apoio emocional que necessita; sentirem-se estressados; crença de que o curso não correspondia às expectativas; praticar menos atividade física; problemas de comunicação com a família; aspectos negativos advindos da

pandemia; dificuldades relacionadas ao novo ritmo e estilo de estudos; sistema de avaliação e regras burocráticas da universidade; conflito com professores; má adaptação ao ensino a distância (EaD) durante a pandemia. Os efeitos destes fatores de vulnerabilidade são tão diversos quanto os próprios fatores e todos afetam negativamente a saúde mental de estudantes universitários, produzindo: ansiedade, desesperança, estresse, solidão, desânimo ou sentimento de fraqueza, depressão, ambiente pouco colaborativo; frustração, sentir desconforto físico no período de avaliação, sentimento de inutilidade, isolamento social e pensamentos recorrentes de morte ([Graner & Cerqueira, 2019](#); [Gundim, 2022](#); [Lima, 2021](#); [Motta et al., 2019](#); [Sunde, 2022](#)).

Em relação aos fatores protetivos, enquanto o estudo de [Sunde \(2022\)](#) identifica realizar atividades extracurriculares (por estarem associadas ao apoio de colegas) como um fator que tem influência positivamente na saúde mental de estudantes universitários, o estudo de [Teixeira et al \(2021\)](#) identifica que são fatores protetivos: ser homem, casado ou em união estável, rotina saudável, estar nos três últimos anos da graduação, não ter adoecido ou com parentes com covid-19, não trabalhar, não precisar cursar a graduação em EaD e não ter histórico de quadro psicopatológico.

Como pode-se observar, os espaços universitários, em sua multiplicidade de possibilidades, podem se configurar tanto como espaços que produzem sofrimento quanto espaços que produzem saúde. Além disso, faz-se mister considerar como a mudança do perfil dos estudantes ingressantes nas universidades poderia contribuir para a presença de sofrimento psíquico ([Jardim et al., 2020](#)). Neste ponto, é importante ressaltar que, mesmo que o perfil de estudantes ingresantes nas universidades possa ter mudado, não se pode levantar argumentos que remetem a dizer que estes sujeitos seriam os responsáveis por seu sofrimento por, talvez, terem mais dificuldades em se adaptar ao contexto universitário, assim como não podemos argumentar de forma (até mesmo simplista) ao dizer que a universidade, sozinha, é produtora de adoecimento ou de uma boa saúde mental. Há de se considerar a influência dos fatores macrossociais, das determinações sociais em saúde para compreender

o fenômeno e pensar sobre as soluções.

Assim, uma rede de apoio psicossocial constituída de modo a fortalecer vínculos, convívio e comunicação, além de discussões sobre políticas públicas de Assistência Estudantil voltadas para a promoção em saúde e suporte na prevenção do sofrimento psíquico são fundamentais na atenção em saúde mental no contexto universitário ([Rodrigues, 2022](#); [Teixeira, 2021](#)).

Entre os fatores de risco associados ao declínio da saúde mental já supracitados, os estudos internacionais têm mostrado que a pandemia de covid-19 trouxe desafios sem precedentes para a saúde mental dos estudantes universitários, aumentando os sintomas de ansiedade e depressão ([Chen & Luccock, 2022](#); [Gobbi et al., 2020](#); [Nadareishvili et al., 2022](#); [Sahu, 2020](#); [Stamatis et al., 2022](#)), principalmente, devido às inúmeras incertezas associadas a este contexto, aos próprios moldes do isolamento social e, consequentes mudanças no estilo de vida. Além disso, [Lipson et al. \(2022\)](#) ressaltam que a vulnerabilidade psicológica associada a este cenário e o estigma ligado à busca por ajuda também podem afetar negativamente a saúde mental desses estudantes.

Os estudos sobre esta temática revelam ainda que o fechamento das instituições de ensino também contribuiu para o surgimento de implicações negativas na educação e na saúde mental de estudantes e funcionários acadêmicos, pois a falta de interações sociais presenciais e as adaptações para que o ensino pudesse ser continuado de forma remota foram fatores relevantes para o aumento do estresse e da ansiedade entre os universitários ([Nadareishvili et al., 2022](#); [Sahu, 2022](#)). Sabe-se que certos grupos populacionais foram identificados como estando em maior vulnerabilidade, isto é, com maior probabilidade de experienciar estes sintomas, como mulheres, jovens, pessoas com problemas de saúde mental pré-existent e aqueles que enfrentavam dificuldades socioeconômicas ([Piomecka et al., 2020](#)).

O artigo de [Lipson et al. \(2022\)](#), denominado de “Tendências na saúde mental de estudantes universitários e busca de ajuda por raça/etnia: Resultados do estudo nacional de mentes saudáveis, 2013-2021” analisou, entre 2013 e 2021, as tendências na saúde mental e busca de ajuda por estudantes

universitários nos Estados Unidos, com foco nas variações entre diferentes grupos raciais e étnicos, trazendo, assim, uma outra perspectiva para a compreensão da saúde mental de universitários.

O estudo utilizou dados do *National Healthy Minds Study* (Lipson et al., 2022), que coletou informações sobre a saúde mental e o bem-estar de estudantes universitários em todo o país. Os resultados mostraram que, ao longo dos anos, houve um aumento significativo nos relatos de problemas de saúde mental entre os estudantes universitários, independentemente da raça ou etnia. No entanto, as diferenças entre os grupos raciais e étnicos foram observadas na busca de ajuda, isto é, os estudantes brancos foram mais propensos a buscar ajuda para questões de saúde mental em comparação com estudantes de outras raças ou etnias. Por outro lado, estudantes negros e latinos relataram maiores níveis de estigma associados à busca de ajuda e uma menor probabilidade de buscar apoio profissional para problemas de saúde mental.

Com base nesses resultados, destaca-se a importância de entender essas disparidades e trabalhar para reduzir e eliminar as barreiras à busca de ajuda para estudantes universitários de minorias raciais e étnicas. Também, entende-se que há a necessidade de fornecer recursos e suporte culturalmente relevantes, bem como melhorar o acesso aos serviços de saúde mental nas instituições de Ensino Superior.

Em Worsley et al. (2022), por meio de uma revisão sistemática sobre intervenções direcionadas à saúde mental e ao bem-estar de estudantes universitários, os pesquisadores buscaram identificar quais intervenções são eficazes nesse contexto. Muitas das intervenções incluíam programas de prevenção de transtornos mentais, intervenções baseadas em terapia cognitivo-comportamental, treinamento de habilidades de enfrentamento, programas de promoção da resiliência, apoio social e programas de educação sobre saúde mental. Os autores pontuaram que a qualidade dos estudos incluídos nas revisões sistemáticas variava e havia uma falta de evidências de alta qualidade em certas áreas. Outro ponto salientado pelos pesquisadores foi a importância de uma abordagem proativa para promover a saúde mental e o bem-estar dos estudantes, incluindo a identificação precoce de problemas e o acesso a serviços de apoio adequados.

Método

Desenho

Trata-se de um estudo transversal, de caráter descritivo-exploratório e de abordagem quantitativa realizado em uma universidade pública brasileira. Este trabalho busca apresentar o mapeamento institucional realizado na Universidade de São Paulo, campus da cidade de São Carlos, pelos Apoia USP e GAPsi, que são serviços de Apoio Psicossocial neste campus universitário. Esta atividade compõe a rotina de trabalho destes serviços, que por meio desses levantamentos, busca identificar a distribuição e os fatores determinantes dos agravos à saúde no contexto universitário, para subsidiar o planejamento e desenvolvimento de ações voltadas às necessidades desta população.

Participantes

Este é um campus universitário com cursos de Ciências Exatas, das áreas de Engenharia, Arquitetura, Física, Química, Matemática e Computação. Dos 5.121 estudantes que compunham o total de estudantes de graduação naquele momento, 340 responderam o questionário, compondo uma amostra não probabilística. A média de idade dos participantes era de 21,25 anos e desvio padrão de DP= 3,97. Em relação ao gênero, 55,3% era homens cisgênero, 39,1% mulheres cisgênero, 2,9% se identificaram com outras identidades de gênero e 2,7% não se identificaram.

Instrumentos

O questionário autoaplicável era composto por um inventário sociodemográfico formulado pelos pesquisadores com questões sobre: gênero, raça/cor, idade e ano de ingresso. Compunham também os questionários diferentes escalas de percepção sobre experiências acadêmicas, também criada pelos pesquisadores com base em alguns temas já identificados no atendimento dos serviços. Estas escalas são: escala de percepção de dificuldades acadêmicas (escoreDifAcad) (10 perguntas), escala de avaliação sobre relações e comunicação (escoreRC) (8 perguntas), escala de percepção sobre pertencimento (escorePTC) (6 perguntas) e escala de percepção de necessidade de apoio (escoreNA) (10 perguntas). As três primeiras escalas eram

compostas pelas questões a serem respondidas em escala Likert de 1 a 5, e a última escala era composta por questões dicotômicas (sim/não), e no tratamento das respostas, as respostas “sim” foram convertidas em 01 ponto e “não” em zero. Finalmente, o questionário incluiu o *Self Report Questionnaire* (SRQ-20), um teste de rastreio para sofrimento psíquico de 20 perguntas, que usa formato de respostas sim e não como o que é descrito abaixo.

Como mencionado anteriormente, para rastreio de possíveis situações de sofrimento psíquico, foi utilizado o instrumental *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20). O SRQ-20 foi desenvolvido na década de 1980 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), concebido, prioritariamente, para uso em Atenção Primária de Saúde, podendo ser utilizado em vários ambientes e por profissionais de todas as especialidades, e, posteriormente, validada no Brasil (Mari & Williams, 1986). O instrumento não tem o objetivo de produzir diagnóstico, e, sim, indicar a suspeita de transtornos do humor, de ansiedade e de somatização, denominados na literatura como Transtornos Mentais Comuns (TMC). Ele é composto por 20 questões com respostas sim/não, referentes aos últimos 30 dias do momento do preenchimento, sobre sintomas psíquicos e somáticos. Estudo mais recente no contexto brasileiro avaliou a consistência interna das medidas do SRQ-20 em diferentes grupos ocupacionais e nele o coeficiente de α de Cronbach calculado para matriz de correlações tetracóricas produziu valores superiores para todas as dimensões dos estudos participantes. A consistência interna dos itens do instrumento, avaliada pelo α de Cronbach

estratificado, foi elevada ($> 0,80$) na maioria dos estudos. A avaliação de desempenho do SRQ-20, com base em indicadores de validade (sensibilidade, especificidade, taxa de classificação incorreta e valores preditivos), para determinar o melhor ponto de corte para classificação do instrumento, concluiu que o ponto de corte de melhor desempenho foi de 6/7 para a população investigada, apresentando índice de sensibilidade de 68% e de especificidade de 70,7% e revelando desempenho razoável com área sob a curva de 0,7896. Adotou-se este ponto de corte nesta pesquisa, considerando 7 respostas positivas ou mais para indicação de suspeição de TMC, conforme tendência também de outros estudos brasileiros (Santos et al., 2010, 2016).

No presente estudo, foram verificadas as propriedades psicométricas das escalas do questionário considerando os participantes do estudo. Especificamente, foi calculada a confiabilidade e foi estudada a normalidade usando o teste de Shapiro Wilks das quatro escalas de percepção sobre experiências acadêmicas assim como o SRQ-20.

A confiabilidade das escalas foi calculada através do coeficiente alfa de Cronbach (Nunnally & Bernstein, 1994) e o alfa de Cronbach ordinal proposto por Zumbo et al. (2007). Os resultados estão na Tabela 1.

O alfa de Cronbach é um coeficiente que quando mais perto de 1 sinaliza que os escores obtidos de um conjunto de itens serão mais confiáveis. Como os dados do questionário estão baseados numa escala de respostas ordinais, como demonstrado por Zumbo et al. (2017), o alfa ordinal é mais apropriado

Tabela 1
Confiabilidade das escalas usando alfa de Cronbach usual e ordinal e Teste de normalidade Shapiro Wilks aplicados numa amostra de n=340 estudantes de graduação (n=340) de uma universidade pública, Brasil, 2021.

Scores	número de itens	alfa	alfa ordinal	Estatística
SRQ-20	20	0.88	0.94	0.97264***
escoreDifAcad	10	0.78	0.81	0.99292
escoreRC	8	0.76	0.79	0.99421
escorePTC	6	0.63	0.66	0.98654***
escoreNA	10	0.68	0.82	0.97127***

Nota: Significância (* $p \leq 0.05$, ** $p \leq 0.01$, *** $p \leq 0.001$).
Fonte: Elaborado pelos autores.

do que o alfa de Cronbach tradicional. Nunnally & Berstein (1994) sinalizam que um valor mínimo de 0,8 é recomendável na pesquisa aplicada. Assim, de acordo com os resultados mostrados na Tabela 1 e considerando o alpha de Cronbach ordinal, encontramos que a escala *scorePTC* não apresenta uma confiabilidade suficiente para justificar o uso do *score*. Nos outros casos, as confiabilidades foram consideradas muito boas. Dessa forma, além do *SQR20* que já é um teste consolidado, neste estudo, propomos três outras escalas como são *scoreDifAcad*, *scoreRC* e *scoreNA* as quais apresentam uma boa confiabilidade.

Também foram realizados teste de Shapiro-Wilks e gráficos Q-Q Plot (não mostrados aqui) para verificar se os *scores* das escalas sobre percepção de experiências na universidade possuem distribuição normal, aspecto necessário para definir o estatístico de comparação. Como mostrado na Tabela 2, identificou-se que havia normalidade nos *scoreDifAcad* e *scoreRC*. Não havia normalidade no *SRQ-20*, *scorePTC* e *scoreNA*.

Procedimento

Em relação aos aspectos éticos, os dados deste artigo foram coletados a partir de dados secundários coletados nos serviços citados, por meio de um questionário *online* aplicado em 2021. Foi dispensada a apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa/Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP) por se tratar de “pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual” (Ministério da Saúde, 2016).

Plano de análises

Todos os dados foram tabulados em planilha eletrônica utilizando o programa Excel®, versão 2011, e exportados para o programa RStudio (R Core Team, 2020) e para realização das análises.

Considerando os *scores* com boa confiabilidade e as medidas sociodemográficas, foram desenvolvidas análises mediante tabulações simples e cruzadas, às quais foram aplicadas estatísticas descritivas e testes de correlação simples de acordo com a natureza da variável e com seu padrão de distribuição.

As variáveis sociodemográficas foram relacionadas com a suspeita de presença ou de ausência de

TMC e com os *scores* obtidos nas somas das escalas sobre percepção de experiências na Universidade. Baseado nos resultados de normalidade, para os *scores* que não possuem distribuição normal foram usados os testes não-paramétricos: Wilcoxon de 2 grupos e Kruskal-Wallis de mais de 2 grupos para as comparações. Para as comparações dos *scores* com distribuição normal foram usados os testes paramétricos: T de Student de 2 grupos e ANOVA para o caso de mais de 2 grupos.

Resultados

A Tabela 2 apresenta as porcentagens encontradas para o desfecho da possível presença de Transtorno Mental Comum de acordo com as características estudadas. Para estabelecer se existe uma associação entre as variáveis sociodemográficas segundo a presença ou ausência de possível TMC, desenvolvemos um teste de hipóteses usando a estatística qui-quadrado. Nela, são reportados o valor do teste estatístico e valor *p*.

Com relação aos participantes do estudo, como observado na Tabela 2, em síntese, nota-se que a maior parte dos sujeitos era composta por pessoas que se autodeclararam de *raça/cor* branca (71,8%), homens *cisgênero* (55,3%), e eram ingressantes naquele ano na Universidade (34,1%). A idade dos estudantes participantes variou entre 17 e 41 anos, com média de 21 anos e moda de 19 anos.

Em relação ao sofrimento psíquico, de acordo com os resultados da Tabela 2, o rastreio positivo para o total de participantes foi de 73,24% para TMC (pontuação ≥ 7). Também foi encontrada maior prevalência de TMC entre os estudantes mulheres (85,7%), autodeclarados não brancos (79,5%) e com ingresso na Universidade em 2018 ou em ano anterior (81%). Nos grupos etários, todos tiveram prevalência superior a 70%, exceto o grupo com 18 anos ou menos, cuja prevalência foi de 62,3%.

Identificamos que não há associação entre a *raça/cor*, idade, e ano de ingresso com o sofrimento psíquico, ainda que possamos destacar uma maior prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre estudantes que ingressaram na universidade em 2018 ou em anos anteriores (81%). Assim, observamos que as taxas de prevalência de TMC se

Tabela 2
Distribuição de casos de Transtornos Mentais Comuns (TMC) baseado no Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), segundo características associadas de estudantes de graduação (n=340) de uma universidade pública, Brasil, 2021.

Variáveis	Sem TMC n (%)	Com TMC n (%)	Total n (%)	Estatística	Valor-p
Raça/Cor					
Branco	73 (29,9)	171 (70,1)	244 (71,8)	5.9491	0.0511
Não Branco	18 (20,5)	70 (79,5)	88 (25,9)		
Não deseja identificar	0 (0,0)	8 (100,0)	8 (2,3)		
Idade (anos)					
17-18	20 (37,7)	33 (62,3)	53 (15,6)	4.2474	0.5144
19	19 (25,7)	55 (74,3)	74 (21,8)		
20	15 (24,2)	47 (75,8)	62 (18,2)		
21-22	14 (22,3)	49 (77,7)	63 (18,6)		
23-24	11 (25,0)	33 (75,0)	44 (12,9)		
25+	12 (27,3)	32 (72,7)	44 (12,9)		
Gênero					
Homem cis	69 (36,7)	119 (63,3)	188 (55,3)	23.381	0.0000336***
Mulher cis	19 (14,3)	114 (85,7)	133 (39,1)		
Outras Identidades	3 (30,0)	7 (70,0)	10 (2,9)		
Não deseja identificar	0 (0,0)	9 (100,0)	9 (2,7)		
Ano de Ingresso					
2018 ou anterior	18 (19,0)	77 (81,0)	95 (27,9)	4.8211	0.1854
Ingressantes 2019	15 (25,9)	43 (74,1)	58 (17,1)		
Ingressantes Pandemia	23 (32,4)	48 (67,6)	71 (20,9)		
Ingressantes 2021	35 (30,2)	81 (69,8)	116 (34,1)		

Nota: Significância (*p ≤ 0.05, **p ≤ 0.01, ***p ≤ 0.001).
Fonte: Elaborada pelos autores.

mostram similares entre as categorias de cada uma destas variáveis. No caso do gênero, encontramos associação com o TMC e pode-se identificar um percentual maior de mulheres com TMC em comparação com os homens.

A seguir, apresentamos uma comparação dos escores do SRQ-20 segundo as variáveis sociodemográficas, já excluídas as respostas cujos participantes desejaram não identificar a resposta. Neste caso, foi usado um teste de comparação de escores das variáveis segundo grupos ou categorias das variáveis sociodemográficas usando testes

não paramétricos, já que a normalidade não foi encontrada para este escore. Na Tabela 3, reportamos as medianas (valor intermédio) de cada grupo, assim como o range interquartilico usado como uma medida de variabilidade. Quando dois grupos foram comparados, utilizou-se o teste Wilcoxon e quando havia mais de dois grupos, foi usado o teste de Kruskal Wallis. É possível verificar que há diferenças na pontuação nas características sociodemográficas, idade, gênero e ano de ingresso, e não foram encontradas diferenças segundo a raça/cor.

Tabela 3
Comparação dos escores no Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), segundo características associadas de estudantes de graduação (n=340) de uma universidade pública, Brasil, 2021.

Características	Agrupamentos	n	Mediana	Range Interquartilico	Teste	valor p	Resultado
Raça/Cor (n=332) c	Branco	244	10	8	3.2362 a	0.07203	Não há Diferenças
	Não Branco	88	12	7.25			
Idade (n=340)	17-18	53	8	9	13.086 b	0.02258*	Há Diferenças
	19	74	10	6.75			
	20	62	12	7.75			
	21-22	63	11	7			
	23-24	44	12.5	9.25			
	25+	44	12.5	10.25			
Gênero (n=331) c	Homem cis	188	9	8	26.174 b	2.072e-06***	Há Diferenças
	Mulher cis	133	12	6			
	Outras Identidades	10	15.5	8.1			
Ano Ingresso (n=340)	2018-	95	12	7	9.3304 b	0.02521*	Há Diferenças
	Ingressante 2019	58	10	7.75			
	Ingressante 2021	116	10	8.25			
	Ingressante Pandemia	71	10	6.1			

Nota: a: Teste Wilcoxon, b: Teste Kruskal-Wallis.
c: Os casos faltantes correspondem a casos que não desejaram ser identificados.
Significância (*p ≤ 0.05, **p ≤ 0.01, ***p ≤ 0.001).
Fonte: Elaborado pelos autores.

Análise SRQ-20

Nas características sociodemográficas identificadas com diferenças, realizou-se o teste estatístico que permite evidenciar como se dão as diferenças nos grupos. Estas comparações pos-hoc foram feitas usando o Teste de Dunn do escore SRQ-20 segundo características associadas de estudantes de graduação que mostraram diferenças a fim de detectar diferenças específicas nos grupos. Por razões de espaço, descrevemos a seguir os resultados encontrados sem mostrar as estatísticas correspondentes.

As diferenças encontradas entre os grupos de idade, mostram que os escores de SQR20 no grupo de [17-18] são menores do que os grupos de [19],

[20], [21-22], [23-24] e [25+] (diferenças negativas). Adicionalmente, o grupo de [19] apresenta diferenças negativas nos escores de SQR20 com os outros grupos de mais idade, apresentando, desta forma, o segundo menor grupo com escores menores de SQR20, depois do grupo de 17 anos. Também encontramos um terceiro grupo com escores baixos de SQR20 formado pelas idades [20] e [21-22] com o ter, finalmente o seguinte grupo é formado pelos estudantes de [23-24] e, finalmente, o grupo de [25+]. Em resumo, observamos que, conforme o estudante pertence a um grupo de maior idade, então, o escore de sofrimento psíquico é maior. No entanto, as diferenças significativas observadas são especificamente entre os estudantes de [17-18] e os

estudantes de [20], [23-24] e [25+].

No quesito gênero, verificou-se, estatisticamente, que os escores de homens são menores em relação às mulheres. Ingressantes do ano de 2018 ou anos anteriores tiveram escores maiores em relação aos ingressantes 2021 e os ingressantes do ano inicial da pandemia.

Análise escoreDifAcad

Na Tabela 4, desenvolvemos uma análise similar ao mostrado anteriormente usando o escoreDifAcad. Como sabemos, o escoreDifAcad mediu a percepção dos estudantes quanto a dificuldades vivenciadas na graduação, especialmente naquele contexto do ensino remoto emergencial devido a pandemia de covid-19. Encontramos que quanto maiores os valores de escoreDifAcad, mais negativa era a percepção.

De acordo com a Tabela 4, encontramos diferenças no escoreDifAcad segundo idade e gênero e não encontramos diferenças segundo raça/cor e ano de ingresso.

Para o caso das diferenças encontradas no escoreDifAcad, como no caso do SRQ-20 foi desenvolvido um teste pos-hoc para detectar as diferenças nos grupos usando o Teste de Dunn. Por razões de espaço, descrevemos a seguir os resultados encontrados sem mostrar as estatísticas correspondentes.

O teste posterior feito apontou que as diferenças encontradas para o par entre os grupos de idade, mostram que no grupo de [23-24] e [25+] são menores do que os grupos de [20]. Na diferença dentro de gênero, verificou-se que mulheres tiveram escore mais negativo quando comparadas aos homens.

Tabela 4
Comparação dos escores no escoreDifAcad, segundo características associadas de estudantes de graduação (n=340) de uma universidade pública, Brasil, 2021.

Percepção dificuldades acadêmicas (escoreDifAcad)							
Características	Agrupamentos	n	Média	Range Inter-quartilico	Teste	valor p	Resultado
Raça/Cor (n=332) c	Branco	244	34.11	8	0.505 a	0.478	Não há Diferenças
	Não Branco	88	34.66	9			
Idade (n=340)	17-18	53	33.34	6	3.481 b	0.00442**	Há Diferenças
	19	74	34.81	9			
	20	62	36.11	7.5			
	21-22	63	35.16	7.5			
	23-24	44	32.39	8.25			
	25+	44	32.39	11			
Gênero (n=331)	Homem cis	188	33.6	9	3.208 b	0.0417*	Há Diferenças
	Mulher cis	133	35.32	8			
	Outras Identidades	10	33.20	4.75			
Ano Ingresso (n=340)	2018-	95	33.91	8	1.118 b	0.342	Não há Diferenças
	Ingressante 2019	58	35.07	8.75			
	Ingressante 2021	116	33.68	7			
	Ingressante Pandemia	71	35	8			

Nota: a: T de Student, b: ANOVA.
c: Os casos faltantes correspondem a casos que não desejaram ser identificados.
Significância (*p ≤ 0.05, **p ≤ 0.01, ***p ≤ 0.001).
Fonte: Elaborado pelos autores.

Análise escoreRC

Na Tabela 5, desenvolvemos uma análise similar ao mostrado anteriormente usando o escoreRC. O escoreRC mensurou como os estudantes avaliavam a comunicação e relações com professores, colegas e coordenação de curso naquele contexto. Nela, quanto maior os valores de RC, pior era a percepção. Constatou-se que no escoreRC não houve diferenças significativas entre os grupos dentro de suas características sociodemográficas.

Análise escoreNA

Finalmente, uma análise similar aos resultados na Tabelas 6 foi desenvolvida para o escoreNA, o qual mensurava se o estudante buscou apoio para desempenhar suas atividades acadêmicas naquele período, que envolviam tanto professores, colegas, da rede de apoio como amigos e familiares e profissionais de saúde. Neste caso, quanto maior o escore, maior a necessidade de apoio. A Tabela 6 mostra que, em todas as características sociodemográficas, houve diferenças entre os grupos.

Tabela 5
Comparação dos escores no escoreRC, segundo características associadas de estudantes de graduação (n=340) de uma universidade pública, Brasil, 2021.

Percepção sobre relações e comunicação no contexto universitário (escoreRC)							
Características	Agrupamentos	n	Média	Range Interquartilico	Teste	valor p	Resultado
Raça/Cor (n=332) c	Branco	244	24.82	8	0.09 a	0.764	Não há Diferenças
	Não Branco	88	25.03	8			
Idade (n=340)	17-18	53	24.13	9	0.35 b	0.882	Não há Diferenças
	19	74	25.18	7			
	20	62	24.81	6.5			
	21-22	63	25.33	6			
	23-24	44	25.18	8			
	25+	44	25.27	9.5			
Gênero (n=331)	Homem cis	188	24.7	3	1.338 b	0.264	Não há Diferenças
	Mulher cis	133	25.38	7			
	Outras Identidades	10	22.70	7.1			
Ano Ingresso (n=340)	2018-	95	25.94	8	1.641 b	0.18	Não há Diferenças
	Ingressante 2019	58	24.05	4			
	Ingressante 2021	116	24.59	8			
	Ingressante Pandemia	71	25.13	6.1			

Nota: a: T de Student, b: ANOVA.
c: Os casos faltantes correspondem a casos que não se desejaram ser identificados.
Significância (*p ≤ 0.05, **p ≤ 0.01, ***p ≤ 0.001).
Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 6
Comparação dos escores no *escoreNA*, segundo características associadas de estudantes de graduação (n=340) de uma universidade pública, Brasil, 2021.

Características	Agrupamentos	n	Mediana	Range Interquartilico	Teste	valor p	Resultado
Raça/Cor (n=332) c	Branco	244	4	3.25	6.4186 a	0.01129*	Há Diferenças
	Não Branco	88	5	3			
Idade (n=340)	17-18	53	4	3	29.903 b	1.541e-05***	Há Diferenças
	19	74	3	2			
	20	62	4	2.75			
	21-22	63	4	3			
	23-24	44	4.5	3			
	25+	44	6	3.25			
Gênero (n=331) c	Homem cis	188	4	3	10.65 b	0.004867**	Há Diferenças
	Mulher cis	133	4	3			
	Outras Identidades	10	4	2.5			
Ano Ingresso (n=340)	2018-	95	5	4	14.443 b	0.00236**	Há Diferenças
	Ingressante 2019	58	4	2			
	Ingressante 2021	116	4	3			
	Ingressante Pandemia	71	4	2			

Nota: a: Wilcoxon, b: Kruskal Wallis.
c: Os casos faltantes correspondem a casos que não desejaram ser identificados.
Significância (*p ≤ 0.05, **p ≤ 0.01, ***p ≤ 0.001).
Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com os resultados da Tabela 6, encontramos diferenças nos *escoreNA* segundo todas as variáveis sociodemográficas. Os testes posteriores para estabelecer as diferenças entre os grupos foram novamente feitas usando o Teste de Dunn. Por razões de espaço, descrevemos a seguir os resultados encontrados sem mostrar as estatísticas correspondentes.

Os resultados indicaram que pessoas brancas precisaram de menos apoio quando comparadas com pessoas não brancas. As diferenças encontradas entre os grupos de idade, mostram que os *escoreNA* no grupo de [17-18] são menores do que os grupos de [20], [23-24] e [25+]. No grupo de [19] são menores do que os grupos de [20], [21-22] [23-24] e [25+]. O grupo [21-22] procurou menos apoio quando

comparado ao grupo [25+]. No gênero, notou-se menores escores em homens quando comparados a mulheres e no ano de ingresso os ingressantes 2018 buscaram mais apoio do que os demais grupos.

Discussão

Análise dos resultados apresentados revela uma alta prevalência de TMC entre os participantes (73,24%), indicando um alto índice de sofrimento psíquico na comunidade estudantil naquele período. Esses dados são consistentes com estudos anteriores, que também apontam uma alta prevalência de TMC entre estudantes universitários. Uma pesquisa ampla realizada em 2019 (da Silva et al, 2021), em

uma universidade brasileira, com 7.177 estudantes universitários revelou a prevalência no rastreio positivo para TMC em 71,52% dos participantes, número que já se destacou naquele período por ser superior a outros estudos no campo. No estudo de [Rodrigues \(2022\)](#), a prevalência de TMC entre discentes das áreas da Saúde e Exatas foi de 66,1%, demonstrando uma preocupação semelhante, embora ligeiramente inferior. [Silva \(2021\)](#), em seu estudo com discentes de um Instituto da área de Exatas realizado já no período da pandemia de covid-19, encontrou uma prevalência ainda mais elevada, com rastreio positivo para TMC de 72,9% na graduação e 72,1% na pós-graduação.

Entre as possíveis determinações para esta alta prevalência de sofrimento entre estudantes universitários, os estudos nacionais e internacionais apontam as dificuldades financeiras, baixo suporte social, entre outras situações de vulnerabilidade, além dos desafios postos a esta etapa vida, marcada por um período do desenvolvimento psicossocial com mudanças importantes ([Barros & Peixoto, 2023](#), da Silva et al., 2021). Pode-se refletir também sobre os possíveis impactos do agravamento da situação econômica, política e social que o Brasil enfrentou nestes anos, provocando um contexto de inseguranças em relação ao futuro, o que pode ter efeitos para os jovens universitários ([Barros & Peixoto, 2023](#)).

Não há diferença estatisticamente significativa na presença de TCM de acordo com os anos de ingresso na Universidade, contudo, nota-se uma maior prevalência entre os ingressantes em 2018 ou anos anteriores. Pode-se inferir que o grupo de estudantes que ingressaram em 2018 ou anteriormente teve que enfrentar a transição para o ensino à distância (EaD) devido à pandemia de covid-19, o que pode ter gerado desafios adicionais. A adaptação ao EaD, principalmente para aqueles que já estavam acostumados ao ambiente presencial, pode ter contribuído para o aumento da prevalência de TMC. O estudo de [Teixeira \(2021\)](#), que explora fatores específicos como a adaptação ao EaD, medo da covid-19, e correlações entre transtornos específicos no contexto universitário, reforça o impacto dos desafios enfrentados por estudantes nesse período. Na revisão integrativa de [Torres et al. \(2021\)](#) sobre a produção científica internacional

a respeito dos impactos da pandemia por covid-19 na saúde mental de estudantes universitários, constata-se que a pandemia de covid-19 causou um impacto significativo na saúde mental dos estudantes universitários em todo o mundo, gerando principalmente sintomas moderados e graves de ansiedade e depressão. O estudo destaca a necessidade de que as instituições de Ensino Superior tenham ciência deste problema e criem mecanismos de escuta e suporte para melhorar as condições de enfrentamento dos efeitos da pandemia entre os jovens universitários.

A análise da percepção de dificuldades acadêmicas mostra que grupos mais velhos [23-24] e [25+] tinham maior percepção de dificuldades acadêmicas quando comparados ao grupo mais jovem [20]. Esse dado sugere uma dinâmica interessante e possivelmente relacionada à entrada desses estudantes no cenário acadêmico durante a pandemia. Uma possível explicação é que o grupo mais jovem, ao ingressar na universidade durante o contexto pandêmico, tenha se deparado com um ambiente acadêmico moldado por condições específicas, como o ensino à distância (EaD) e medidas de distanciamento social. Ao contrário dos estudantes que já estavam na universidade antes da pandemia, esses jovens não tiveram o desafio de se adaptar a uma nova modalidade de ensino, já que começaram seus cursos imersos nesse cenário. A falta de uma comparação direta com o formato de ensino presencial pode ter contribuído para uma adaptação mais fluida, uma vez que esses estudantes não precisaram realizar transições abruptas em seus métodos de aprendizado.

Na diferença dentro de gênero, verificou-se que mulheres tiveram escore mais negativo quando comparadas aos homens. Um dos fatores mais associados à prevalência de TMC no estudo de [Silva \(2021\)](#) foi a identidade cisgênero feminina, e este dado corrobora com a revisão sistemática de [Graner & Cerqueira \(2019\)](#) que identificou esta característica como a mais associada a presença de TMC em estudos com estudantes universitários, o que já sinaliza que as mulheres são afetadas de forma distinta em relação aos homens. O estudo de [Silva et al. \(2021\)](#) encontrou também que, de maneira geral, as mulheres estudantes universitárias apresentam piores condições em saúde mental

quando comparadas aos homens, apontando que esta condição se mantém durante a pandemia de covid-19.

Com relação aos dados sobre percepção de necessidade apoio, embora sejam próximos os valores dos escores segundo as características sociodemográficas, nota-se que as pessoas brancas procuraram menos apoio quando comparadas a pessoas não brancas, o que destoia do achado em [Lipson et al. \(2022\)](#), no qual foi identificado que pessoas não brancas buscavam menos por ajuda. Parte disso poderia ser explicado pelo estigma que essas pessoas sofrem, ou seja, de tanto serem destratadas ao buscarem apoio, é possível que tenham aprendido a não o buscar mais, pois não costumam receber o acolhimento digno e necessário. Neste estudo, podemos mensurar que estas pessoas identificaram maior necessidade de apoio, contudo seria importante investigar se estes acessos se deram e de que forma. Este dado também sinaliza que se um número considerável de estudantes universitários de grupos raciais e étnicas historicamente afetados pelos problemas estruturais na sociedade, é necessário fornecer recursos e suporte culturalmente relevantes, bem como melhorar o acesso aos serviços de saúde mental nas instituições de Ensino Superior.

Entende-se que os espaços universitários, em sua multiplicidade de possibilidades, podem se configurar tanto como espaços que produzem sofrimento quanto espaços que produzem saúde, e é importante considerar como a mudança do perfil dos estudantes ingressos nas universidades poderia contribuir para a presença de sofrimento psíquico ([Jardim et al., 2020](#)). Assim, uma rede de apoio psicossocial constituída de modo a fortalecer vínculos, convívio e comunicação, além de discussões sobre políticas públicas de Assistência Estudantil voltadas para a promoção em saúde e suporte na prevenção do sofrimento psíquico são fundamentais na atenção em saúde mental no contexto universitário ([Rodrigues, 2022](#); [Teixeira, 2021](#)).

Certamente, no marco temporal deste trabalho, atravessado pela crise sanitária causada com a pandemia da covid-19, teve impacto no psiquismo das pessoas e dos estudantes universitários. Houve grande mudança na dinâmica de funcionamento

na Universidade e na forma como os processos de ensino-aprendizagem foram transpostos do modo presencial para o modo remoto on-line, e isso pode também ter impacto sobre o sofrimento psíquico. Estando estes estudantes por anos na Universidade, é provável que os efeitos sigam sendo sentidos, por isso, compreender o fenômeno e pensar coletivamente sobre ele é fundamental. Além disso, dado que o sofrimento psíquico no contexto universitário é um fenômeno complexo, é fundamental que seu enfrentamento seja realizado sob uma ótica crítica-reflexiva. No entanto, faz-se mister o cuidado para que essa abordagem não se torne inquisitorial, apenas apontando culpados, mas, sim, que identifique problemas presentes no contexto universitário e pense em como cada grupo que compõe a Universidade pode contribuir para a criação de espaços que promovam uma boa saúde mental.

Desta forma, conclui-se que é necessário o fomento de espaços de fala e expressão de emoções, o reconhecimento de situações de vulnerabilidade/risco bem como o estímulo ao desenvolvimento de recursos individuais e coletivos (fortalecimento de vínculos sociais e redes de apoio). Dialogando com a comunidade acadêmica e com seus serviços de apoio, para que sejam pensadas intervenções de enfrentamento institucional dos determinantes de sofrimento psíquico da Universidade a partir do levantamento periódico de dados cientificamente fundamentados.

Como limite deste estudo, os resultados apresentados a seguir não podem ser extrapolados para todos os estudantes de graduação desta universidade, já que não contamos com uma amostragem probabilística. No entanto, os dados encontrados para uma amostra de 340 estudantes indicam a necessidade de contar com um serviço de apoio para eles. Adicionalmente, o estudo mostra o potencial de três novas escalas de percepção sobre experiências acadêmicas em serviços de Assistência Estudantil. As escalas de percepção de dificuldades acadêmicas, escala de avaliação sobre relações e comunicação e a escala de percepção de necessidade de apoio mostraram alta confiabilidade e poderão ser usadas em estudos posteriores. Finalmente, como estudos posteriores, sugerimos aplicar modelos de resposta ao item ([Pasquali & Primi,](#)

2003) para as escalas estudadas e o próprio SQR-20 toda vez que se faz necessário distinguir melhor os escores dos participantes, levando em consideração os sintomas sinalizados, os quais diferem em sua importância para definir o risco.

Referências

- Barros, R. N., & Peixoto, A. L. A. (2023). Saúde mental e cotas: Estudo entre universitários no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, Article e255410, 1–16. <https://doi.org/10.1590/1982-370300325541>
- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016*. Diário Oficial da União, Brasília, 24 de maio de 2016. Seção 1, p. 44-46. <https://chatgpt.com/c/67a01b7e-cdf4-800e-b705-202cc2992578>.
- Chen, T., & Lucock, M. (2022). The mental health of university students during the COVID-19 pandemic: An online survey in the UK. *PLOS ONE*, 17 (1), e0262562. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0262562>.
- da Silva, M. E. A., dos Santos, R. R., Medeiros, R. V. de J., Souza, S. L. de C., Souza, D. F., & Ferreira, D. P. V. (2021). Saúde mental dos estudantes universitários. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 9, e6228. <https://doi.org/10.25248/reaenf.e6228.2021>.
- Gaiotto, E. M. G. (2021). *Síntese rápida para enfrentamento do sofrimento psíquico de universitários: É tempo de uma política*. São Paulo: EEUSP.
- Gobbi, S., Bertollo, M., Plomecka, M. B., Ashraf, Z., Radziński, P., Neckels, R., Lazzeri, S., Dedić, A., Bakalović, A., Hrustić, L., Skórko, B., Es hagh, S., Almazidou, K., Rodríguez-Pino, L., Alp, A. B., Jabeen, H., Waller, V., Shibli, D., Behnam, M. A., Arshad, A. H., Barańczuk-Turska, Z., ... Jawaid, A. (2020). Worsening of preexisting psychiatric conditions during the COVID-19 pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 581426. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2020.581426>.
- Graner, K. M., & Cerqueira, A. T. A. R. (2019). Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24 (4), 1327–1346. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>.
- Grether, E. Becker, M. C., Menezes, H. M., & Nunes, C. R. O. (2019). Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina da Universidade Regional de Blumenau (SC). *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43 (1, suppl 1), 276–285. <https://t.ly/3wa7y>.
- Guimarães, C. C., Mesquita, R. R., Moraes, H. A. B., & Barboza, M. E. S. (2020). Saúde mental do estudante de psicologia: possíveis implicações para sua atuação profissional. *Revista Trabalho (En)Cena*, Palmas, 1(1), 269–28. <https://shorturl.at/Mp3U2>.
- Gundim, V. A, Encarnação, J. P., Fontes, S. K. R., Silva, A. A. F., Santos, V. T. C., & Souza, R. C. (2022). Transtornos Mentais Comuns e rotina acadêmica na graduação em Enfermagem: impactos da pandemia de COVID-19. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, Porto (27), 21–37. <https://shorturl.at/DpQZg>.
- Jardim, M. G. L.; Castro, T. S., & Ferreira-Rodrigues, C. F. (2020). Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários. *Psico-USF*, Campinas, 25 (4), 645–657. <https://rb.gy/hx5e9o>.
- Lima, D. W. C., Gonçalves, J. S., Azevedo, L. D. S., Vieira, A. N., Pessa, R. P., & Luis M. A. V. (2021). Sofrimento psíquico dos universitários de enfermagem no contexto da vida acadêmica. *Revista de Enfermagem da UFSM*, Santa Maria, 11, e23. <https://rb.gy/vd2v1q>.
- Lipson, S. K., Zhou, S., Abelson, S., Heinze, J., Jirsa, M., Morigney, J., Patterson, A., Singh, M., & Eisenberg, D. (2022). Trends in college student mental health and help-seeking by race/ethnicity: Findings from the national healthy minds study, 2013–2021. *Journal of Affective Disorders*, 306, 138–147. <https://rb.gy/r5hbao>.
- Mari, J. J. & Williams, P. A (1986). Validity Study of a Psychiatric Screening Questionnaire (SRQ-20) in Primary Care in the city of Sao Paulo. *The British Journal of Psychiatry*, Scotland, 148 (1), 23–26. <https://n9.cl/x4vj9>.
- Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016: Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.
- Medeiros, L. R., Rodrigues, K. C. C., Queiroz, A. M., Florencio, R. M. S., Silva, A. F., & Borges, A. M. (2022). Cartografia dos serviços de acolhimento ao acadêmico em sofrimento psíquico nas universidades públicas brasileiras. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, 27, e75756. <https://n9.cl/tird9>.
- Motta, I. C. M.; Soares, R. C. M.; & Belmonte, T. S. A. (2019). Uma Investigação sobre Disfunções Familiares em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, 43 (1, suppl 1), 47–56 <https://n9.cl/>

- [krmnb](#).
- Nadareishvili, I., Syunyakov, T., Fountoulakis, K. N., Smirnova, D., Sinauridze, A., Tskitishvili, A., Tskitishvili, A., Zhulina, A., Patsali, M. E., & Manafis, A. (2022). University students' mental health amidst the COVID-19 pandemic in Georgia. *International Journal of Social Psychiatry*, 68 (5), 1036–1046 <https://n9.cl/ri0hw2>.
- Nunnally, J. C.; & Bernstein, I. H. (1994) *Psychometric theory*. 3. ed. New York: Tata McGraw-Hill Education.
- Pasquali, L., & Primi, R. (2003). Fundamentos da teoria da resposta ao item: TRI. *Avaliação Psicológica*, 2(2), 99-110. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v2n2/v2n2a02.pdf>.
- Plomecka, M., Gobbi, S., Neckels, R., Radzinski, P., Skorko, B., Lazzeri, S., Almazidou, K., Dedic, A., Bakalovic, A., Hrustic, L., Ashraf, Z., Es Haghi, S., Rodriguez-Pino, L., Waller, V., & Venkatesh, A. (2021). Factors associated with psychological disturbances during the COVID-19 pandemic: multicountry online study. *JMIR Mental Health*, 8(8), e28736. <https://doi.org/10.2196/28736>
- R Core Team, 2020 : R Core Team. (2020). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing. <https://www.r-project.org/>
- Rodrigues, C. M. L., Perez, K. V., & Brun, L. G. (2020). Pesquisa e intervenção no ensino superior: considerações a partir do "Dossiê Saúde Mental e adoecimento na IES". *Revista Trabalho (En)Cena*, Palmas, 5 (1), 136–145 <https://n9.cl/d14bbd>.
- Rodrigues, D. S., Cruz, D. M.C., Nascimento, J. S., & Cid, M. F. B. (2022). Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em estudantes de uma universidade pública brasileira. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, 30, e3305 <https://n9.cl/encpf>.
- Sahu, P. (2020). Closure of Universities Due to Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): Impact on Education and Mental Health of Students and Academic Staff. *Cureus*, 12 (4), e7541. <https://n9.cl/pgurg>.
- Santos, K. O. B., Araújo, T. M., Pinho, P., S., & Silva, A. C. C. (2010). Avaliação de um instrumento de mensuração de morbidade psíquica: estudo de validação do self-reporting questionnaire (SRQ-20). *Revista Baiana de Saúde Pública*, Salvador, 34 (3), 544–560. <https://n9.cl/amm92>.
- Santos, K. O. B.; Carvalho, F. M.; & Araújo, T. M. D. (2016). Consistência interna do self-reporting questionnaire-20 em grupos ocupacionais. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 50 (6), 1–10. <https://n9.cl/qexoo8>.
- Silva, E. P. Determinação social da saúde e sofrimento psíquico na universidade: uma pesquisa com estudantes do Instituto de Ciências Matemáticas e da Computação (ICMC) do campus da USP de São Carlos. 2021. 160 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.
- Stamatis, C. A, Broos, H. C., Hudiburgh, S.E., Dale, S. K., & Timpano, K. R..(2022) A longitudinal investigation of COVID-19 pandemic experiences and mental health among university students. *British Journal of Clinical Psychology*, Scotland, 61 (2), 385–404 <https://n9.cl/d9yf3k>.
- Sunde, R. M, Oliveira, N. C., Filho, C. C. J., Esteves, L. F., Paz, B. M., & Machado, W. L. (2022). Fatores de Risco Associados ao Suicídio em Universitários: Uma Revisão de Escopo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, 22 (2), 832–852. <https://n9.cl/u92vd1>.
- Teixeira, L. D. A. C., Costa, R. A., Mattos, R. M. P. R., & Pimentel, D. (2021). Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, 70 (1), 21–29. <https://n9.cl/7njrv>.
- Torres, A. G., Nolasco, L. E. L., de Oliveira, M. G. M. L., & Martins, A. M. (2021). COVID-19 e saúde mental de universitários: revisão integrativa internacional. *Revista Psicologia e Saúde*, 13(4), 183-197.
- Worsley, J. D.; Pennington, A.; & Corcoran, R. (2022). Supporting mental health and wellbeing of university and college students: A systematic review of review-level evidence of interventions. *PLOS ONE*, San Francisco, 17 (7), e0266725. <https://n9.cl/e7pv6>.
- Zumbo, B. D.; Gadermann, A. M.; & Zeisser, C. (2007). Ordinal Versions of Coefficients Alpha and Theta for Likert Rating Scales. *Journal of Modern Applied Statistical Methods*, 6 (1), 21–29. <https://doi.org/10.56801/10.56801/v6.i.279>.